



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



EDUCAÇÃO DA RAINHA DO LAR

Formação das professoras em Amargosa/BA – 1946-1973

MIGUEL JOSÉ DA SILVA

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local (PPGHIS)

- UNEB – CAMPUS V. Bolsista DS CAPES. profmiguel SILVA@gmail.com

RESUMO

O Ginásio Santa Bernadete, instalado em Amargosa no ano de 1946, pertencente à Congregação das Religiosas do Santíssimo Sacramento, tinha como objetivo maior atender a formação das moças, futuras mães e professoras. A educação desenvolvida por este Ginásio coincidia com os anseios da sociedade amargosense, no tocante às funções sociais destinadas ao gênero feminino. Mediante uma educação alicerçada na observância dos valores cristãos, marcada pelo rigor da disciplina e sempre fomentando a prática do respeito, da ênfase à obediência e do testemunho e exemplo a serem vivenciados, as alunas assimilavam valores, tabus e preconceitos que reforçavam o modelo de mulher que a sociedade desejava. Em 27 anos de atividade educacional em Amargosa, as religiosas sacramentinas impregnaram marcas relevantes nas meninas/mulheres que ali estudaram, influenciando fortemente no desenvolvimento educacional, através das quatrocentos e quarenta e cinco professoras que atuam/atuarão, principalmente na região do Recôncavo Sul da Bahia.

Palavras-chave: Palavras-chave: Educação – Identidade - Gênero

O presente trabalho tem como objeto de estudo a prática educativa desenvolvida entre 1946 e 1973, no Ginásio Santa Bernadete, dirigido pelas religiosas da Congregação Santíssimo Sacramento, na cidade de Amargosa, estado da Bahia. O referido Ginásio tinha como objetivo atender a formação das moças, futuras mães e professoras.

Como a temática aborda uma história recente e, levando-se em conta a insuficiência de arquivos organizados com a documentação seriada da referida instituição, utilizou-se também

dos recursos das fontes orais, contando com preciosos depoimentos de ex-alunas, ex-professoras, que estão gravados em fitas cassetes. Para estes depoimentos foram selecionadas algumas ex-alunas e ex-professoras que estudaram e ensinaram em períodos diversos do referido Ginásio, bem como ex-alunas que viveram no internato¹, outras que eram externas e ex-alunas que se tornaram religiosas sacramentinas.

O Ginásio Santa Bernadete foi criado por iniciativa do primeiro Bispo da recém instalada Diocese de Amargosa, Dom Florêncio Sizínio Vieira e contou com uma mobilização das elites locais – fazendeiros, comerciantes, funcionários públicos, clero –, constituindo-se na primeira escola que oferecia o curso ginásial e, posteriormente o curso pedagógico, na cidade de Amargosa, exclusivamente destinado à educação feminina. Segundo da Prof^a Sisínia Vieira, sobrinha do citado prelado, que acompanhou as atividades da Diocese de Amargosa desde sua origem, houve um esforço muito grande do Bispo para a educação dos jovens na diocese a ele confiada, não só na sede da diocese, como em outras cidades:

“um dos objetivos dele era trabalhar para melhorar o nível educacional de toda a Diocese, então ele começou aqui por Amargosa. Ele veio para aqui em 1942 e em 1946 as Irmãs já estavam aqui com um Colégio. E ele construiu aquele Colégio com todo sacrifício, mas era aquele ideal dele. Na época em que ele chegou aqui, o nível educacional de Amargosa era ainda muito deficiente... Onde pôde fundar uma Escola ele fundou: Santo Antônio de Jesus, Vitória da Conquista, Jequié...”
(Depoimento de Sisínia Vieira, 2003)

Tendo exercido o ministério sacerdotal na Paróquia da Penha, na Arquidiocese de Salvador, de 1932 até 1942, Dom Florêncio já conhecia de perto o trabalho educacional e evangelizador das Religiosas do Santíssimo Sacramento em Salvador, e em 1945 fez um convite à Congregação para fundar um Colégio em Amargosa. O Bispo deixou registrado no Livro de Tombo da Diocese, a necessidade de um Ginásio em Amargosa e declarou que houve uma grande articulação para que pessoas influentes da cidade e região se unissem, colaborando assim, para a criação da Diocese, com a expectativa de que Amargosa, sendo cidade episcopal,

¹ No ano de 1947, as Irmãs Sacramentinas instalaram em Amargosa um internato para acolher, principalmente, as jovens que vinham de outras cidades. Durante o período em que funcionou – até final da década de 60 -, o internato abrigou jovens oriundas de municípios de uma grande área do sudoeste da Bahia: São Miguel das Matas, Laje, Mutuípe, Milagres, Ubaira, Brejões, Santa Inês, Santo Antônio de Jesus, Ibirataia, Itagi, Jequié, Itiruçu, Itaberaba, Rui Barbosa, Vitória da Conquista e também algumas de Amargosa.

reuniria forças e condições para a ampliação da Educação, pois até aquele momento só havia escolas primárias.

“Sendo uma das maiores aspirações de Amargosa possuir um estabelecimento de Ensino Secundário e para atender a uma promessa dos propagandistas do bispado, entendemo-nos com as Religiosas do Santíssimo Sacramento com o fim de fundar aqui uma casa dessa ordem, a fim de dirigir um ginásio ou Escola Normal. (Livro de Tombo da Diocese, p 25)

As Religiosas do Santíssimo Sacramento - Sacramentinas -, é um congregação religiosa fundada pelo padre Pierre Vigne, em 30 de novembro de 1715, na pequena cidade de Bouciue-le-Roy, na região Sul da França, dedicada à adoração ao Jesus na Eucaristia e à evangelização, tendo como missão acompanhar os peregrinos, educar as crianças e jovens. Elas chegam ao Brasil em abril de 1903, quando assumem o Orfanato (Asilo Nossa Senhora de Lourdes) em Feira de Santana, Bahia. Conforme Buainain, outras Casas Sacramentinas no Brasil foram fundadas de acordo com as solicitações e as necessidades locais, tanto para o trabalho na educação como também na saúde. (BUAINAIN, 1991, p.61-66)

Segundo Oscar Beozzo, nos quarenta anos da República Velha, 1890-1930, são criadas no Brasil ou chegam de outros países, 93 congregações femininas. Havendo uma predominância das congregações de origem francesa, com 28 institutos, logo após as de origens italiana, com 24 e, as criadas no Brasil, sendo 19 congregações. As congregações religiosas femininas vão assumindo atividades na área de saúde, de assistência aos idosos, aos órfãos, e vão construindo colégios para a juventude feminina. Muitos desses colégios tinham internatos e atendiam a uma elite. Beozzo afirma que na avaliação de qualidade dos colégios, *“os mais apreciados eram os de origem francesa, que continuavam ministrando o ensino segundo os programas e os livros empregados na França e utilizando-se inclusive da língua francesa”* (BEOZZO, 1983, p 120-123).

Tradicionalmente, as mulheres eram orientadas para as funções de mãe e esposa, que deveriam assumir com todo esmero, dando o melhor de si. Algumas que quisessem assumir uma profissão além dos trabalhos domésticos, eram orientadas a assumirem cargos de menor prestígio social e eram mal remuneradas, com destaque para a carreira do magistério, pois o ser professora exige contornos de maternidade e doação, uma profissão adequada à natureza feminina.

A educação formal, por meio de regras, atitudes trabalhadas, valores passados, torna-se um espaço privilegiado no processo de estabelecimento da identidade de gênero. O gênero é uma

categoria nova na análise histórica e que tem procurado mostrar as referências culturais e sociais surgidas a partir de relações estabelecidas entre homens e mulheres. Ainda que num sentido restrito, a definição de gênero continua sendo uma referência aos estudos que têm a mulher como objeto, esta visão tem sido ampliada para uma construção social, histórica e cultural organizada a partir das diferenças sexuais. Conforme Jane de Almeida:

“o conceito de gênero não se refere especificamente a um ou outro sexo, mas sobre as relações que são socialmente construídas entre eles. Essas relações estão imbricadas, por sua vez, com as relações de poder que revelam os conflitos e as contradições que marcam a sociedade” (ALMEIDA, 1998 p. 40)

Seguindo esta linha de pensamento, compreende-se a educação como um ato político que propaga valores e modelos a serem seguidos, que delimita o permitido e o proibido, que constrói a identidade das pessoas. E o sistema de educação escolar produz desigualdades e conduz homens e mulheres a ocuparem distintos papéis na sociedade.

Segundo Elizete Passos (PASSOS, 1995.p 271), a disciplina no processo educacional é de grande importância, porque consiste em colocar limites, fazer proibições, indicar obrigações e garantir a obediência. Com isso, determinam os movimentos, os gestos e as atitudes, enfim, uma forma de ser. Os métodos aplicados, com uma vigilância constante no momento das aulas, dos recreios e, até mesmo nas tardes e nos finais de semana em que as alunas externas do Ginásio Santa Bernadete estavam com as suas famílias, demonstram a necessidade de um controle das “ausências e presenças” das jovens, tornando-as mais úteis e dóceis, como atesta Michel Foucault. *“A disciplina fabrica corpos submissos e exercitados, corpos dóceis. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças”* (FOUCAULT, 2002, p 118)

Esta força da disciplina está presente no Estatuto do Ginásio Santa Bernadete, o artigo 3º prescreve que o estabelecimento existe para alunas que: *"apresentarem procedimento e condutas condizentes com as sadias normas da moral cristã"*. “Moral cristã” traduz-se por moral cristã católica, isto é evidenciado através dos documentos nas pastas das alunas, que estão nos arquivos do referido estabelecimento de ensino, quando já no ato da matrícula era exigida a certidão do sacramento de batismo da aluna. Já o artigo 9º preceitua: *"as alunas são obrigadas ao cumprimento exato das normas estabelecidas quanto ao horário das aulas, visitas, saídas, etc, bem como ao uso do uniforme adotado"*. O Regimento Interno daquela instituição continha normas que legislavam desde as condições para o ingresso das jovens naquele estabelecimento, sobre vestuário, pintura, até sobre as atitudes que elas deveriam ter

dentro e fora da Escola. O rigor das normas é sempre recordado, como no depoimento de Joceli:

“Havia rigor demais. Eu mesma fui sacrificada várias vezes, fui sacrificada porque sempre fui brincalhona. Quando elas chegavam na sala de aula a gente estava sentada e se levantava, não podia arrastar a cadeira; pra a gente ir ao sanitário só podia dez horas; só podia sair se fosse uma necessidade muito grande; não podia se pintar; argola tinha que ser pequenininha; não podia ter os dedos cheios de anéis, volta bem pequena... olhavam os ouvidos, a cabeça, mandavam botar as mãos em cima da mesa para ver as unhas. Não podia namorar de farda, dia de sábado quando a gente saía da aula elas botavam alguém pra olhar, porque se a gente se encontrasse com o namorado usando a farda...” (Depoimento de Joceli E. Santo, 2002)

Era exigido no ato da matrícula: certidão de nascimento, certidão de batismo, atestado de saúde, atestado de vacina. O controle, a disciplina e a rigidez faziam parte do cotidiano da escola e eram considerados normais, pois correspondiam ao que era desejado pelas famílias. Tudo era muito controlado, muito determinado, muito vigiado. As exigências eram normais para os costumes da família, para os padrões sociais daquela época, é o que ilustra a fala de Maria Belarmina, ex-aluna:

“Havia muita rigidez, mas isso porque era a forma da sociedade brasileira e a família que era rígida. Então é o que eu digo hoje, não há que haver revolta com o método de educação, a maneira de conduzir a vida das jovens, porque a família também seguia essa mesma linha de repressão porque o país também seguia. Não eram as irmãs que impunham, mas a própria sociedade”.(Depoimento de M^a Belarmina, 2012)

Havia uma preocupação com a formação espiritual das alunas, conforme depoimento de uma outra ex-aluna, Conceição Rezende: *“todo ano a gente tinha um retiro espiritual, parava para uma reflexão e isto, não só eu que sou religiosa, mas todas as colegas que não são praticantes têm saudades daquele tempo”.*(Depoimento de Conceição Rezende, 2003) Durante os três dias de retiro, as aulas eram suspensas e todas as alunas iam para o Colégio ouvir palestras relacionadas à vida cristã, feitas normalmente pelo Padre Capelão do Ginásio, por um Padre da Paróquia de Amargosa, ou mesmo, pelo Bispo Diocesano. Havia a orientação de leituras de caráter moral e religioso, orações em grupos e momentos exclusivos

de profundo silêncio, bem como de celebrações do Sacramento da Penitência e da Santa Missa. A Profª Sisínia evidencia qual era o objetivo da Educação Sacramentina: *“elas tinham uma preocupação muito grande com a formação religiosa e moral, preocupação com a família e com o conteúdo formal das disciplinas”*.(Depoimento de Sisínia, 2003)

Em diversos momentos da prática educativa, as alunas eram inseridas num ambiente de profunda religiosidade; seja na prática diária, através das orações feitas antes do início das aulas, seja através das outras atividades religiosas. A cada dia, no início da primeira aula, era rezada uma Oração de Consagração à Nossa Senhora e a oração da Ave-Maria, e no início de cada aula era proclamado, por mestra e alunas: *“meus Deus é para vos agradecer que vamos começar a nossa aula, dignai-vos abençoar-nos. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, amém!”*, é o que recorda a ex-aluna Magnólia.(Depoimento de Magnólia, 2003) Ao final do dia letivo, rezava-se a oração do “Ângelus”. Aos sábados, as aulas eram encerradas às 11h e todas as alunas iam para a capela do Colégio para a oração do terço.

Maria, mãe de Deus e do Menino Jesus era o modelo feminino a ser seguido pelas alunas. A devoção mariana era muito forte no Ginásio Santa Bernadete, as alunas eram envolvidas nas celebrações em homenagem à Maria, principalmente no mês de maio. O relato de Maria Belarmina ilustra esta afirmação:

“No mês de maio, nós tínhamos a imagem de Nossa Senhora na sala de aula, armávamos o altar, fazíamos orações marianas, entoávamos cantos no início da aula e, por ordem de caderneta, cada pessoa era responsável um dia por estas atividades na sala de aula e, em termos de classe, nós tínhamos um dia na capela do Colégio e nesse dia a classe ia de farda de gala, no horário oposto para participar de uma celebração com cantos ensaiados.”(Depoimento de Mª Belarmina, 2012)

A exaltação das virtudes de Maria, a mãe de Jesus, era um meio de incentivar as alunas a buscarem a perfeição da Virgem. A sociedade brasileira do final do século XIX, ainda que a República sinalizasse a separação entre Estado e a Igreja Católica, exigia uma formação moral cristã, e nessa época, evidentemente a moral cristã católica, conforme Guacira Louro.

“esperava-se que as meninas e jovens construíssem suas vidas pela imagem de pureza da Virgem. Através do símbolo mariano se apelava tanto para a sagrada missão da maternidade quanto para a manutenção da pureza feminina. Esse ideal feminino implicava recato e o pudor, a busca constante de uma perfeição moral, a

aceitação de sacrifícios, a ação educadora dos filhos e filhas”(LOURO, 2000, p. 447)

É necessário ter presente que o tema da sexualidade, mesmo abordado de forma cautelosa e moderada, continuava ainda restrito a um grupo muito limitado dentro da Igreja; prevalecia a ideia de que a ignorância em matéria sexual constituía a melhor forma de preparar a juventude para uma vida adulta virtuosa e sadia.

Como a formação ministrada às freiras era realizada numa repressão corporal muito forte, em geral, a educação consistia em impor às alunas os mesmos padrões de vida conventual dentro dos quais elas próprias haviam sido enquadradas. A ex-aluna Marisa Helena afirma que *"não existia palestras ou debates sobre sexualidade, inclusive o conteúdo de ciências que tratava do corpo humano era visto de maneira superficial e no livro não existia nenhuma figura."*(Depoimento de Marisa Helena, 2006)

Medidas rígidas eram tomadas, portanto, a fim de evitar que as alunas tivessem uma consciência mais nítida da própria corporeidade e sexualidade, como recorda a ex-aluna Joseny Cajado:

"Moça beijada, laranja chupada". Sexualidade era um tabu, as questões eram tratadas com muita superficialidade e colocadas de uma maneira que não podíamos questionar, tirar dúvidas, o que foi falado era o bastante e pronto. A questão da maternidade era trabalhada, mas, fora da barriga da mãe, inclusive fazíamos lindos álbuns infantis. Tínhamos aulas de puericultura."(Depoimento de Joseny, 2003)

A educação ministrada nos colégios católicos, a maioria deles dirigidos por religiosas, tinha como finalidade específica preparar a mulher para os cuidados do lar, e, na medida do possível, buscava também atrair as jovens para a vida conventual. Esta realidade se confirma no depoimento de Conceição Rezende:

"Elas preparavam a dona de casa, preparavam para ser mãe e algumas para serem religiosas. A formação básica era de dona de casa, tanto que tínhamos aulas de educação doméstica. Elas orientavam para a família, para a Igreja, para o apostolado"(Depoimento de Conceição, 2003)

Os programas das disciplinas do Ginásio privilegiavam comportamentos e noções maternais, uma representação da professora como mãe e esposa. A ex-aluna Magnólia recorda: "a

educação visava uma mulher dona do lar, para servir ao homem, com muitas aulas de prendas do lar, muitas receitas, etc."(Depoimento de Magnólia, 2006). Ser mãe e esposa eram as funções femininas por excelência para a cultura daquela época.

A formação era fundamentalmente alicerçada na dimensão espiritual-religiosa, pois aquela mulher, educada, polida e cristã convicta, deveria imprimir seus valores a seu grupo, de modo particular à sua família, como atesta a Prof^a Sisínia: *"é claro que era aquele modelo de mulher cristã, preocupada com a família, com filhos e com marido, era uma formação para família e formação religiosa, não era só conteúdo". (Sisínia, 2003) Era uma formação para ser uma mulher-mãe cristã e educadora como salienta a ex-aluna Noélia Passos: "porque o ginásio preparava a gente para ser mãe e educadora. A gente saía como excelente dona de casa, excelente mãe de família"(depoimento de Noélia, 2003) Havia uma ênfase na educação para o lar, conforme depoimento de Maria Belarmina:*

"A irmã Denise e a irmã Silvana elas ligavam a aula de arte à vida, diziam: vocês vão ser mãe de família, tem que aprender a servir, enfim havia uma ligação mesmo da mulher do lar com a aula de arte, elas já faziam pensando na formação dessa mulher para o lar...Era mais para a dona do lar. Tanto é que havia uma estrofezinha do hino das Sacramentinas que fala: radiante estrela do lar, rainha do lar, até no próprio hino das Sacramentinas fala isso, formar aquela para ser a rainha do lar..."(Depoimento de Belarmina, 2012)

A identidade de gênero é uma construção social, histórica, cultural e relacional que brota a partir da educação recebida, da visão de mundo que foi passada, da maneira como o indivíduo se relaciona com os outros, isso tudo perpassado por atos, gestos, sentimentos, gostos e atitudes conforme o que foi ensinado. Através da formação que recebiam os corpos das alunas eram moldados ao papel de gênero que lhe era destinado. O cotidiano das alunas do Santa Bernadete, tanto o internato quanto o externato, era marcado por ordens que regulavam constantemente o tempo das atividades que deveriam ser desenvolvidas e delimitavam o espaço de circulação e de permanência das alunas. Essa vigilância constante, mesmo que seja direcionada para atingir o corpo – questão de tempo espaço – consegue penetrar e marcar profundamente a alma, é o que afirma Foucault:

"o ponto de aplicação da pena não é a representação, é o corpo, é o tempo, são os gestos e as atividades de todos os dias; a alma, também, mas na medida em que é sede de hábitos... o que se procura reconstituir é o sujeito

obediente, o indivíduo sujeito a hábitos, regras, ordens, uma autoridade que se exerce continuamente sobre ele e em torno dele, e que ele deve deixar funcionar automaticamente nele.” (FOUCAULT, 2002. p 114)

A educação desenvolvida pelo Ginásio Santa Bernadete coincidia com os anseios da sociedade amargosense, no tocante às funções sociais destinadas ao gênero feminino. Era necessária a instrução das mulheres, porém, esta deveria ser ministrada por uma instituição que não fosse de encontro ao modelo feminino de obediência, humildade, submissão, religiosidade, etc, pregado pelo catolicismo. Mediante uma educação alicerçada na observância dos valores cristãos, da prática do respeito, da ênfase à obediência e do testemunho e exemplo a serem vivenciados, as alunas assimilavam valores, tabus e preconceitos que reforçavam o modelo de mulher que a sociedade desejava: dona de casa, esposa e mãe. Ao ensinar as alunas os princípios religiosos por meio de disciplina, comportamentos, modelos e gostos e, ao colocar Maria, a mãe de Jesus, como modelo a ser seguido: acético, puro e casto, imprimiu marcas que contribuíram para formatar a identidade de gênero, para construir o caráter daquelas jovens, respondendo às exigências sociais, econômicas e religiosas daquele contexto histórico.

FONTES ORAIS

- Depoimento de Joceli Oliveira do Espírito Santo, ex-aluna. Entrevista feita no dia 30/05/2002, no pátio do Colégio Estadual Santa Bernadete, com duração de 30 minutos.
- Depoimento de Joseny Moraes Cajado Rezende, estudou no Santa Bernadete de 1960-1966, atuou como professora de 1967-1973. Entrevista realizada na casa da depoente, na companhia de Magnólia Moura, no dia 07/08/2003, com duração de 40 minutos.
- Depoimento de Magnólia Moura de Oliveira, que estudou no Santa Bernadete de 1959-1966. Entrevista realizada em companhia e na casa Joseny Cajado, no dia 07/08/2003, com duração de 40 minutos.
- Depoimento de Maria Belarmina dos Santos, que estudou no Santa Bernadete no período de 1956-1963. Entrevista realizada na casa da depoente, no dia 28/02/2012, com duração de 55 minutos.
- Depoimento de Maria da Conceição da Cunha Rezende, que estudou no Santa Bernadete de 1946 – 1955, e atuou como professora no Santa Bernadete de 1957-1967. Entrevista realizada na casa da depoente, no dia 22/01/2003, com duração de 70 minutos.
- Mariza Helena Borges Sales, estudou no Santa Bernadete 1960-1966, Entrevista feita na sala da diretoria do atual Colégio Estadual Santa Bernadete, no dia 01/08/2006, com duração de 20 minutos.
- Depoimento de Noélia Passos, que estudou no Santa Bernadete de 1950-1961 e atuou como professora no Santa Bernadete de 1962-1973. Entrevista realizada na casa da depoente, no dia 29/07/2003, com duração de 70 minutos.

- Depoimento de Sisínia Vieira Matos, que atuou como professora no Ginásio Santa Bernadete de 1948-1960. Entrevista realizada na casa da Profª Noélia Passos, no dia 18/06/2003, com duração de 60 minutos. Falecida em 08 de outubro de 2004.

FONTES MANUSCRITAS

- Livro de Tombo da Diocese de Amargosa – encontrado no arquivo da Diocese
- Livro de Registro de Matrícula. Encontrado no arquivo do Colégio Estadual Santa Bernadete.
- Discurso de formatura da 1ª turma do Curso Pedagógico, oradora Zilda Maria Ferreira Cardoso, encontrado no arquivo do Colégio Estadual Santa Bernadete.
- Estatuto do Ginásio Santa Bernadete, encontrado no arquivo do Colégio Estadual Santa Bernadete.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

AMADO, Janaina. FERREIRA, Marieta de Moraes (coord). **Usos & abusos da história oral**. Riode Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001- 4ª ed.

ANDRADE, Maria José S. **Recolhimentos Femininos na Bahia**. In Revista da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica. Anais da XIV Reunião. Salvador, 1994.

ASSIS, Raimunda Alves Moreira de. Re-construindo a Educação de Itabuna-BA: 1930 a 1945. **In: Anais da 28ª. Reunião Anual da ANPED**, Caxambu-MG, 2005.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. V. 2 A experiência vivida. São Paulo: Difusão Editorial, 1975.

BEOZZO, Oscar. In AZZI, Riolando (org.). **A vida religiosa no Brasil: enfoques históricos**. São Paulo: Paulinas, 1983. p. 120-123

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo, Cia. Das Letras, 1994.

BUAINAIN, Maria Jeanne D´Arc. *Atividades Educacionais da Congregação Sacramentina*. Irmãs Sacramentinas: São Carlos, SP, 1991. p. 61-66.

DEL PRIORE, Mary. **Ao Sul do Corpo** – Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1993.

DIAS, Maria Odila Leite da S. **Teoria e Método dos Estudos Feministas: Perspectivas históricas e hermenêuticas do cotidiano**. In COSTA, Albertina de Oliveira. **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992. p. 39-53.

FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord). **Entre-Vistas: abordagens e usos da história oral.** Rio de Janeiro, Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1994.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** 25ª edição. Petrópolis: Vozes, 2002.

LINS, Leonice de Lima Mançur. **"O Ser feminino sob as Bênçãos do Santíssimo Sacramento" - um estudo sobre a formação das mulheres num colégio religioso.** Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade). UNEB, Campus I / Salvador, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Mulheres na sala de aula.** In. DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2000. p. 443-481.

_____. **Gênero, história e educação: construção e desconstrução. Educação e realidade,** Porto Alegre, v. 20, n.2 p. 101-132, jul./dez. 1995.

MALUF, Marina. **Ruídos da Memória.** São Paulo, Siciliano, 1995.

MATOS, Maria Izilda S. de. **Por uma história da mulher.** Bauru, SP: EDUSC, 2000.

MENEZES, Jaci Maria Ferraz de. (Org.). **Educação na Bahia - Coletânea de Textos.** 1 ed. Salvador: Editora da Uneb, 2001, v. , p. 127-134.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e Memória: a Cultura Popular Revisitada.** São Paulo, Contexto, 1992.

PASSOS, Elizete Silva. **A educação das virgens: um estudo do cotidiano do Colégio Nossa Senhora das Mercês.** Rio de Janeiro: Editora Universidade Santa Úrsula, 1995

PORTELLI, Alessandro. **"O que faz a História Oral diferente"**, in Projeto História, n ° 14: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, fev/ 1997. Pp. 25-39.

PROJETO MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO. **Experiências inovadoras na educação baiana na década de 1960.** 1ª ed. Salvador: Universidade do Estado da Bahia – UNEB, 2002. (Coleção Memória da Educação, vol.II).

RICOEUR, Paul. **A Memória, a História, o Esquecimento.** Campinas, UNICAMP, 2007.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1985

SANTOS, Milton. **A região de Amargosa.** Salvador: UFBA; Governo da Bahia/CPE, 1963.

SCOTT, Joan. **História das mulheres.** In. BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas.** 3ª reimpressão. São Paulo: Editora UNESP, 1997. p.63-95.

SOUSA, Ione Celeste de. **Garotas Tricolores, Deusas Fardadas: as normalistas em Feira de Santana, 1925 a 1945.** São Paulo: EDUC, 2001.